

Dossiê: Abordagens antropológicas contemporâneas sobre técnica e tecnologia

## Caçadas Perdigueiras - um estudo etnográfico sobre a técnica e comunicação entre homens e cadelas

Paulo Olivier Ramos Rodrigues

Mestrando em Antropologia Social

PPGAS/UFSC

paulo.orr@hotmail.com

### RESUMO

O artigo diz respeito a uma pesquisa etnográfica feita nos anos de 2015 e 2016. Acompanhei caçadores da serra gaúcha que, anualmente, durante a temporada de caça, locomovem-se na direção dos campos uruguaios para encontrar a presa desejada, as perdizes. Viso refletir acerca das técnicas envolvidas nessa prática, no que tange aos humanos e não-humanos (cães, perdizes, espingardas, etc.), a partir de uma perspectiva ecológica da comunicação e ação, considerando as habilidades e campos operatórios que são mobilizados pelos diferentes entes que compõem as caçadas.

**Palavras-chave:** Antropologia da técnica; Caça moderna; Humanos e não-humanos.

### Introdução

A caça vem a ser um tema recorrente dentro dos estudos da Antropologia. Sordi (2014) aponta para a vasta gama de trabalhos que versam sobre a caça de subsistência de grupos não ocidentais e suas cosmologias. Já a produção antropológica sobre a caça moderna e desportiva é um tanto escassa. Discussões sobre as controvérsias existentes entre caçadores e ecologistas são mais recorrentes Garrido, (2009); Dabezies, (2017); porém há poucos trabalhos que versam sobre o ato técnico cinegético em si na caça esportiva Marvin, (2010), Sordi (2014). Apresento um grupo de caçadores esportivos e as técnicas que esses empregam na respectiva prática venatória. A ênfase na técnica, nos gestos e na comunicação, que revela relações sociais na medida em que ocorrem no ambiente, podem trazer novas reflexões para os estudos com caçadores, usualmente centrados nas suas representações e discursos sobre o ambiente.

Fiz meu trabalho de campo, que culminou nesta pesquisa<sup>1</sup>, com um grupo de caçadores, que residiam na cidade de Caxias do sul/RS - Brasil. Esses se deslocavam até as regiões de Rivera, Tacuarembó e Paysandu - Uruguai, nas temporadas de caça à perdiz (*Rhynchotus rufescens*), entre os meses de maio a julho. Pude acompanhá-los durante as temporadas de 2015 e 2016, nas suas idas e vindas ao Uruguai. Tive como objetivo, nessas idas à campo, refletir acerca das técnicas venatórias utilizadas nesse processo cinegético.

A prática venatória compreende um campo de interações entre humanos e não-humanos. Como dito acima, a presa que se deseja encontrar são as perdizes; para o auxílio nessa busca, cachorros da raça pointer inglês participam da caçada para detectá-las; os caçadores utilizam espingardas calibre 20 e outros objetos como bonés, botas, cartucheiras, entre outros. Com isso, o que vim abordar, nesta pesquisa, foram as diversas relações existentes nesse processo que constitui mutuamente as partes envolvidas (caçador-cadelas-perdiz-*campo*<sup>2</sup>). Como aponta Otávio Velho (2001): “A fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty (1971), deslocando o foco de análise de um ser abstrato que dá sentido ao mundo para um ser-no-mundo”, elucida parte do paradigma ecológico da comunicação e ação que aqui é tomado como força motriz. Como pontua Sautchuk (2007), é a partir “de uma ecologia da comunicação e da ação, onde o fator propriamente ecológico está dado no comportamento dos seres (humanos e não-humanos) uns face aos outros”, é que deseja ser explorado, em razão de o caráter das técnicas cinegéticas serem o foco da presente pesquisa. Logo assim, me detive às questões práticas que pude acompanhar e ter contato entre os caçadores, cadelas, perdizes e ambiente.

Primeiramente, venho a falar brevemente sobre os preparativos para as idas dos caçadores da serra gaúcha aos campos do Uruguai, apresento a rotina de viagens e dos dias de caçada, para assim chegar ao momento em que me debruçarei sobre as questões relativas à técnica empregada pelos caçadores (homens) e caçadoras (cadelas). Os pontos que virei a abordar são: a escolha dos *campos* para caça a perdiz; os gestos técnicos que exercem os pointers ingleses na caça e logo assim na comunicação com o caçador; e a técnica do tiro. Com isso chegarei ao ponto culminante do trabalho, onde sugiro uma individuação que provém de uma gênese técnica singular.

## **Entre homens e cadelas, caçadores e caçadoras: a técnica venatória à perdiz**

O inverno para muitas pessoas do sul do Brasil é uma estação de reclusão no seu tempo livre, para se esquentar, comer bem, fugir do frio, no aconchego de seu lar porém, o que vim a encontrar em minha pesquisa de campo entre os caçadores desportistas da cidade de Caxias do Sul - RS, foi exatamente o oposto. Pude acompanhar esse grupo de caçadores entre as temporadas de caça dos anos de 2015 e 2016, que se estendem dos meses de maio a julho; é durante esse período do ano, ou seja, na estação do inverno, que esse movimento ocorre.

Ao compartilhar as experiências com um grupo de caçadores, tentei entender, por vias etnográficas, as técnicas envolvidas nessa caçada esportiva de perdizes. Diferentes habilidades eram postas em movimento e algumas vieram a ganhar mais relevância no que diz respeito às reflexões aqui apresentadas. Traço uma pergunta que permeou esse trabalho como um todo, e que serve como uma bússola nas frases que seguem: de que maneira se pode entender a técnica envolvida na caça como uma habilidade compartilhada entre homens e cães?

O grupo que acompanhei era composto por quatro caçadores. Os seus nomes eram: Davi (55 anos), Celso (57 anos), Marco (62 anos) e Antônio (70 anos)<sup>3</sup>. Todos os indivíduos eram de classe média/média-alta. Permito-me fazer esse apontamento, que tem como base os custos financeiros para a caçada, como a manutenção dos cachorros (trato, vacinas, ração, dentre outros, durante todo ano), as licenças de caça, bem como os gastos da caçada, locomoção e alimentação. Estes se locomovem até os campos localizados no Uruguai para caçar perdiz (*Rhynchotus rufescens*), em razão da proibição<sup>4</sup> da caça esportiva no território brasileiro. Antes de adentrarmos nas experiências promovidas pela caça à perdiz em sua prática, acho interessante falar, mesmo que brevemente, dos preparativos para esta.

As idas ao Uruguai, feitas durante a temporada de caça, eram breves, mas constantes. Fomos, em julho de 2015 e 2016, de duas a três vezes por mês, saindo de Caxias do Sul na madrugada de quintas-feiras em direção à parada obrigatória, a casa de *Don Nilo*, amigo de longa data deles, localizada na região de Corticeiras, no departamento de Rivera - Uruguai, próximo à divisa entre Santana do Livramento (BR) e Rivera (UR); voltávamos nas segundas-feiras, no mais tardar nas terças-feiras, ao Brasil. A Casa de *Don Nilo* era sempre o destino de nossa primeira noite, após uma viagem longa e cansativa que levava em torno de oito

horas, parávamos lá para pernoitar e botar o papo em dia. Comprávamos tudo que seria utilizado e consumido durante o período da caçada. Nos dividíamos em duas camionetes, sempre cheias de utensílios (espingardas, camas dobráveis, sacos de dormir, pratos, talheres) e as cachorras Asta, Brina e Chispa, cadelas da raça pointer inglês, utilizadas no rastreamento das perdizes. As cachorras, como vim a descobrir no decorrer da pesquisa, dividiam com os caçadores o protagonismo na prática venatória, bem como as perdizes, ponto culminante das caçadas.

Os cachorros da raça pointer inglês são, segundo os meus interlocutores, a raça *fórmula-1* da caça menor (que se caracteriza pelo tamanho das presas, como as perdizes). Uma distinção que os interlocutores faziam e com a qual me deparei logo no início de meu trabalho foi a diferença entre o pointer inglês e outros cachorros. Segundo eles o primeiro seria o *fórmula-1* em razão de sua velocidade e seu faro. O pointer inglês é um *ventor*, ou seja, *caça de cabeça erguida*, captando os faros que o vento lhe traz e direcionando-se direto para onde a perdiz se encontra; enquanto outros cachorros seriam *cheira chão*, que achariam as presas buscando o faro que estas deixam ao passar pelos caminhos que fazem no ambiente, seguindo todo caminho que a perdiz percorreu até achá-la. Porém, se esses se diferenciam nesse aspecto, ambos são *perdigueiros*, ou seja, cães que acham e caçam perdizes. Além dessa diferença aqui citada, as próprias cachorras pointers apresentavam particularidades no que concerne à técnica que essas exerciam durante o ato venatório, questões que pretendo desenvolver no decorrer do trabalho.

Quando estávamos a caminho de alguma fazenda, já em território uruguaio, passávamos por diversas áreas de plantações de pinus (*Pinus elliottii*), outrora campos de pastagem onde, diziam os caçadores, encontram-se perdizes em abundância. Lembranças de caçadas em tempos passados emergiram à tona no discurso de meus interlocutores. Essas eram sempre empolgantes, ricas em detalhes, porém, sempre terminavam com o pesar de que o campo de antigamente não existir mais, imputando a culpa de tal tristeza aos plantadores de pinus e aos pesticidas que esses utilizam. Partindo disso, pude compreender o que motivava os caçadores a adentrar cada vez mais o território uruguaio: buscavam bons campos onde pudessem encontrar o que desejavam, as perdizes.

Pude acompanhar o grupo de caçadores em sua prática em dois lugares diferentes com maior consistência. Nas terras de Victor Ferraz<sup>5</sup>, localizada na

região de Corticeiras, e em uma outra mais para dentro do território uruguaio, na região de Masoller. Está última pertencia a três irmãos, os Bancquet, que cediam seus campos, bem como sua casa, para os caçadores durante a temporada de caça.

Os dias nas caçadas começavam cedo, o vento minuano<sup>6</sup> soprava intermitente no lado de fora da casa, e a coragem para sair da cama em muito tinha que ser trabalhada. Por volta das 7 horas, a roda de chimarrão já estava formada e os assuntos eram os mais diversos possíveis. Eu, como pesquisador, ou melhor, como o estagiário dos caçadores, fui imputado com alguns afazeres. O cuidado com as cadelas ficaram sob minha responsabilidade, soltá-las pela manhã da caixa de madeira onde dormiam em razão do frio da noite e quebrar a água congelada do pote eram minhas primeiras tarefas, bem como alimentá-las nos momentos devidos, duas vezes ao dia, no início da tarde e à noite, e, por último, recolhê-las para a caixa de madeira ou canil, quando esse existia, ao final do dia. Em momentos de descanso dos caçadores, botava-me a brincar com as cadelas que, em muitas vezes, não me davam mais do que cinco minutos de atenção e iam descansar, em razão da fadiga da caçada feita pela manhã ou tarde.

Logo após esse primeiro momento do chimarrão, tomávamos café da manhã, e os preparativos para a caçada se iniciavam. Geralmente, fazíamos duas idas por dia ao campo para caçar, durante a manhã e à tarde, sendo isso variável em razão das questões climáticas e da disposição dos caçadores. Os preparativos eram temperados por certa euforia, vestiam-se roupas camufladas, botas, cartucheiras e bonés. As espingardas de calibre 20 eram limpas e os cartuchos separados. Como disse acima, os caçadores mais ativos e que pude acompanhar foram Davi e Celso, e é acerca da experiência que tive com esses dois caçadores, bem como com as cadelas Asta, Brina e Chispa, que virei a falar.

Cada caçador escolhia uma cadela para o acompanhar, sendo que a cadela Asta era a mais experiente, segundo meus interlocutores, logo assim a mais requisitada. Tanto Brina, como Chispa eram filhas de Asta, mas de ninhadas diferentes. Asta tem 8 anos de idade, Brina, 6 anos, e Chispa, 4 anos. As duas primeiras são brancas com o malhado preto, enquanto Chispa era branca com o malhado laranja. Os caçadores revezavam as cachorras nas idas ao campo, sendo a Asta a mais bem quista entre eles, pelo seu estilo de caçada, que virei a comentar.

Finalizado os preparativos, cachorras escolhidas e colocadas na ca-

çamba da camionete, espingardas limpas, cartuchos nos bolsos, roupas camufladas no corpo, subíamos na camionete e íamos ao encontro do campo, e, conseqüentemente, à perdiz. Aqui pude notar uma das primeiras particularidades desse ato venatório. Os *campos* que meus interlocutores buscavam não eram quaisquer uns, pois não basta ser um campo para haver perdiz. Quando interpelei o que seria um bom *campo* a eles, Davi foi taxativo:

Campo de perdiz é campo com pasto alto, sabe? Tem que ser meio sujo também [vegetação que não seja pasto], mais alto. Olha lá, tá vendo o pasto amarelinho? Lá é bom, tá sujo, e a perdiz gosta de se esconder nesse pasto amarelinho por causa da penugem dela. (Davi, 17/07/2015, Masoller - Uruguai).

Pois bem, o contrário de um campo *sujo, amarelinho*, seria um campo *careca*, ou seja, um campo com pasto pequeno, sem nenhum outro tipo de vegetação. Partindo desses apontamentos podemos pensar que:

[no campo] como um todo é preciso pensar nos termos de uma “*phenomenological topoanalysis*” (Casey 1996:25), em que cada lugar se caracteriza por uma “intencionalidade operativa”, evocando e articulando as propriedades dos agentes humanos e não-humanos (SAUTCHUK, 2007, p.81).

Como Sautchuk (2007) aponta, a partir de seu trabalho de campo no estuário do rio Amazonas, na Vila Sucuriju, no Amapá, os lugares emergem das “intencionalidades operativas”, dos agentes humanos e não-humanos, sendo o lugar (no caso do presente trabalho, o *campo*) um emaranhado de relações circunstanciais que não estão dadas a priori, mas que emergem da prática de determinada técnica. Essas intencionalidades manifestam-se nos “campos operatórios” dos atores, que devem ser compreendidos como as capacidades de percepção e ação de cada humano e não-humano como por exemplo o peixe pirarucu, envolvido na prática, como aponta o autor. Retornarei à questão mais adiante. Vemos, assim, que Davi, bem como os outros caçadores, não escolhem arbitrariamente os campos onde exercerão o ato venatório, esses são escolhidos a partir de um conhecimento específico do ambiente, pautado no conhecimento do campo operatório das perdizes, mais precisamente, de como se dão as estratégias da perdiz para se mimetizar com a vegetação do campo e se proteger, já que os caçadores de Caxias do Sul não são os únicos predadores<sup>7</sup> dessa ave. Partindo desse conhecimento especificamente constituído nessa técnica venatória, a “intencionalida-

de operativa” da perdiz é o que norteia a escolha do campo onde se virá a caçar.

Ao chegarmos no *campo* desejado, todos desembarcavam, descíamos as cachorras da camionete, pegávamos as espingardas e saímos à caça. Cada caçador, acompanhado de uma cachorra, direcionava-se para uma parte do campo escolhido. A distância mantida entre um e outro caçador no campo era grande, pois não caçavam juntos, mas, sim, em duplas, com as cachorras, e, eventualmente, com alguém intrometido, ou seja, eu. Para dar continuidade na descrição da prática que aqui apresento, trarei duas passagens distintas de meu diário de campo. Uma, acerca de uma ida a campo com o caçador Celso e a cachorra Asta, e a outra, relativa ao caçador Davi e a cachorra Chispa.

Masoller - Celso e Asta - 26/07/2015.

Por volta das 9h, com tudo arrumado, nos botamos a caminho de um campo que ficava a uns 15 minutos de camionete da casa na qual estávamos hospedados. Ao chegar no campo, pulamos uma cerca e botamos a guia na Asta. Segundo Celso, o vento não estava favorável à caça, pois estava a nosso favor, e para se fazer uma boa caçada, o vento deve estar soprando na direção contrária na qual nos encontrávamos. Deve-se prestar atenção, em razão de ser o vento quem traz o faro da perdiz para as cachorras. Ao soltar a cachorra Asta, está logo começou a correr e fazer o *lacet*, [este movimento consiste em ir da esquerda para a direita de forma paralela, sempre em progressão frontal em busca de um faro respectivo à perdiz], e nós caminhávamos atrás dela, mantendo uma distância não muito grande, algo em torno de uns cinco metros; todas as vezes que a Asta se distanciava de nós, gritos para chamar a atenção dela eram proferidos por Celso para ela se reaproximar. Ficamos a seguir Asta durante alguns minutos até ela *amarrar* a primeira perdiz. [*Amarrar* consiste no ato de sinalizar que algum faro foi detectado, durante o *lacet*]. Asta ficou parada, com a cabeça projetada para frente e a cauda reta e parada; nesse momento, Celso apertou o passo e se aproximou dela e Asta começou a fazer o movimento do *lacet*, novamente, mas dessa vez de forma muito curta, e dando breves *amarradas*. Celso a acompanhava de perto e, após, uma dessas *amarradas*, quando já estávamos bem próximos da perdiz, esta, foi *levantada* por Asta [*Levantar* a perdiz consistem em fazer a ave alçar voo, para assim o caçador executar o tiro]. Asta *levantou* a perdiz e Celso executou o tiro, a perdiz projetou-se para nossa direita e foi abatida. Ao *levantar* a perdiz, Asta já se locomoveu na direção em que a ave voou e foi buscar a perdiz para a entregar ao caçador. Asta voltou até nós e entregou a perdiz a Celso, o qual lhe fez um breve afago e limpou sua boca que estava cheia de penas.



Figura 1 - Sequência de frames da prática cinegética - Celso e Asta<sup>8</sup>. Vídeo: <https://vimeo.com/181219706><sup>9</sup> Fonte: Acervo do autor.

Como me tinham confessado os caçadores Celso, Davi, Marco e Antônio, a cadela Asta era a cachorra que melhor caçava e a preferida de todos eles para as saídas a campo. Mas, o que vinha a dar esse status à Asta, e não para as outras cachorras? Vamos a segunda descrição, agora, com o caçador Davi e a cachorra Chispa para tentarmos elucidar essa diferença.

Corticeira - Davi e Chispa - 17/07/15.

Fui ao campo com Davi e Chispa, pelas 16h, perto da casa do Vitor. Chispa é a cachorra mais nova, e Davi diz que gosta de sair com ela, de ensiná-la. Saímos para o campo e Chispa, na primeira meia hora de caçada, estava afoita, corria muito, fazia o *lacet* de forma muito ampla, sendo que Davi, diferentemente de Celso, não gritava com tanta frequência para chamar a cachorra, deixava ela, vamos dizer, assim, com mais liberdade para fazer o *lacet*. Após essa primeira meia hora, Chispa acalmou-se, como me disse Davi, e começou a caçar mais perto de nós. Porém, dentro desse primeiro momento, Chispa não *amarrou* nenhuma perdiz e a única perdiz que vimos, *levantamos* ela na bota, ou seja, enquanto caminhávamos, sem que Chispa tenha detectado a ave, nós a levantamos, e Davi tentou atirar nela, mas não acertou, apenas um cartucho gasto. [...] Continuávamos a caminhar no campo, a condição do vento estava favorável à caçada, ou seja, soprava contra a direção a qual nos locomovíamos. Mas, não achávamos as perdizes, até que Chispa *amarrou* alguma coisa. Davi foi em sua direção, Chispa começou a se mover, e dar breves *amarradas*, isso deve ter durado em torno de um minuto ou mais, não sei, mas andávamos para frente, com total atenção em Chispa, a qual se encontrava a uns três metros de distância do caçador Davi, estava amarrando. Davi moveu-se um pouco na direção de Chispa, ao fazer isso, ela, moveu-se também *levantando* a perdiz. Davi atirou e acertou. Chispa trouxe

na boca a perdiz para o caçador Davi. [...] Enquanto voltávamos em direção à casa de Victor, Chispa *estourou* [isto acontece quando o cão não pega o fardo da perdiz e não a detecta, fazendo, assim, a perdiz voar, sem aviso prévio ao caçador] algumas perdizes, acho que duas ou três, não tenho certeza. Como diz o ditado, um dia da caça, outro do caçador.



Figura 2 - Sequência de frames da prática cinegética - Davi e Chispa<sup>10</sup> Vídeo: <https://vimeo.com/181485177>.<sup>11</sup> Fonte: Acervo do autor.

Antes de abordar as questões acerca das cachorras, bem como dos caçadores no ato venatório, gostaria de marcar alguns pontos que permearam meu trabalho de campo, e a reflexão que aqui está sendo feita. Sautchuk (2007), no intento de compreender as relações entre humanos e não-humanos na pesca do pirarucu com arpão, no lago Sucuriju, aponta para uma perspectiva da ecologia da interação e da prática, contrapondo-se a uma redução das relações a apenas trocas energéticas, não destituindo a importância destas, mas dando ênfase a essa outra esfera. Como o autor aponta:

No lugar de uma ecologia das trocas energéticas, que buscaria criar uma homologia entre bases físicas da pirâmide alimentar e a ordenação simbólica de mundo, creio que se trata antes de uma ecologia da comunicação e da ação, onde o fator propriamente ecológico está dado no comportamento dos seres (humanos e não-humanos) uns faces aos outros (SAUTCHUK, 2007, p.85).

Com isso gostaria de dizer que as questões tróficas e a esfera simbólica, no que tange o paralelo traçado pelo autor citado, no respectivo trabalho, não são abordadas. Trato aqui de uma caça esportiva, mesmo sendo as perdizes um alimento em alta estima para os caçadores, a alimentação ten-

do por base essas ave não é o ponto culminante da prática, mas como bem sugere o advérbio esportiva, as *lidas*, ou seja, as técnicas imbricadas nessa prática, essas é que são as forças motrizes para seu acontecimento.

Seguindo a trilha dos escritos de Sautchuk (2007), vemos que essa abordagem sustenta-se a partir de dois caminhos teóricos. O primeiro seria o da ecosemiótica; o segundo, as perspectivas instigadas pela psicologia ecológica gibsoniana. Essas ideias, ainda seguindo os escritos do referido autor, são influenciadas pela concepção de *Umwelt* do biólogo Jakob von Uexküll (1982). Esse termo, *Umwelt*, propõe “considerar que existem múltiplos ambientes, cada um composto por um conjunto de significados e possibilidades de ação conforme a perspectiva do animal (humanos incluídos)” (SAUTCHUK, 2007, p.86). O que gostaria de salientar com isso é que “o sentido de cada ser é dado em suas formas de ação; suas capacidades são mobilizadas em situações específicas e de acordo com as reações de outros seres.” (SAUTCHUK, 2007, p.86).

Essas ações que nunca perdem de vista seu caráter relacional com os outros entes que a circundam, e corroboram para seu estar no mundo, é algo que permeia o ato venatório como um todo e, para pensá-las, emprego novamente ideias retiradas de Sautchuk (2007), a respeito da técnica empregada pelos laguistas na caça com arpão ao pirarucu, onde:

O termo “campo operatório” dando a entender a projeção no ambiente das capacidades de percepção e ação que gravitam em torno do laguista e dos demais seres. Utilizo essa expressão inspirado em Leroi-Gourham (1991), que trata o “comportamento operatório” como uma forma de definir os seres (inclusive humanos) a partir de suas possibilidades de relação ativa com o ambiente. Transponho este argumento geral para o nível propriamente etnológico incorporando a preeminência que Leroi-Gourhan confere a ação (ao “gesto” e ao “ritmo”) considerando a técnica como fenômeno que institui o ser (humano ou animal), inclusive em sua dimensão biológica (orgânica) (SAUTCHUK, 2007, p.88).

A dimensão da prática da técnica estudada, seja na esfera dos humanos como na dos não-humanos, é o que veio a ganhar saliência em minha observação e pensamento. Cada saída de campo de que participava era cheia de particularidades, mas alguns fatores mantinham-se constantes, e será por meio desses pontos que articularei as minhas observações. Como expli-

citado acima pelas passagens de meu diário de campo e pelas imagens, após a escolha do campo, o qual era elencado a partir de características específicas, marcadas anteriormente, outro fator sempre observado pelos caçadores vinha a ser o vento. Essa condição possuía crucial importância, em razão de ser por meio do vento que as cachorras Asta e Chispa podiam detectar as perdizes e, conseqüentemente, comunicar a presença delas aos caçadores.

### **Sobre os gestos e a comunicação venatória**

A condição ideal para a técnica de rastreamento executada pelas cadelas era o vento estar soprando contra a direção a qual os caçadores se moviam, os quais sempre procuravam largar as cachorras nessa circunstância. Elas deviam caçar com o *rastro no focinho*, ou seja, com o vento soprando contra a direção na qual executavam o *lacet*. Obedecendo a essa asserção, as cadelas *estouravam*<sup>12</sup> poucas perdizes, pois conseguiam detectar as aves e comunicar os achados aos caçadores, sem serem percebidas por essas, possibilitando uma boa condição ao tiro dos caçadores.

Para haver uma boa condição para o tiro dos caçadores, é necessária uma boa comunicação destes com as cachorras, e vice e versa, bem como destas com o *campo*, mais especificamente com as particularidades que a perdiz exerce nesse ambiente. Essas particularidades podem ser pensadas como signos que são buscados pelas cachorras para comunicar a presença da ave desejada aos caçadores. Sautchuk (2007) discute os sinais do pirarucu no que tange a arpoaria e o engajamento do proeiro, partindo das ideias de Peirce (1999), onde:

Os signos podem apresentar três tipos de relação ao objeto: o *símbolo* é ligado ao objeto por uma convenção (como a letra “a” e seu som); já o *ícone* guarda relação de semelhança com o objeto por suas próprias características (como um diagrama); e o *índice* “está fisicamente conectado com seu objeto” (Peirce, 1999, p. 73), sendo afetado e modificado por ele (SAUTCHUK, 2007, p. 111).

O que gostaria de frisar com essa passagem, é que o signo que é buscado pelas cachorras na técnica venatória pensada, seria o odor da perdiz que o vento traz para elas. Esse odor que o corpo da perdiz exala seria um índice, o signo da sua presença, que vem a ser buscado pelas cachorras na prática do *lacet*.

O *lacet*, no que pude acompanhar, é o gesto capital da prática no que concerne às ações das cachorras nas caçadas. Ao encontrarem-se os caçadores

e as cachorras nas condições profícuas para o ato venatório, é a partir desse gesto que as perdizes são detectadas e comunicadas aos caçadores. Como já dito brevemente, o *lacet* consiste na movimentação progressiva, da direita para a esquerda, em um ritmo muito acelerado das cadelas. Essas são *ventoras*, ou seja, caçam, captam odores pelo vento em movimento que chega ao seu focinho. A comunicação da relação perdiz-signo-cachorra-caçador se dá de forma cinésica, ou seja, leva em consideração os significados expressivos por meio dos gestos e movimentos corporais dos entes envolvidos na relação. Donna Haraway no capítulo oito *Training in the contact zone* em seu livro *When Species meet* (2008), vem a discutir as relações de comunicação e práticas com animais, principalmente com cães, em razão do esporte *agility*<sup>13</sup> que ela e Cayenne, sua cadela praticam. Haraway utiliza-se do conceito de *isopraxis*<sup>14</sup> no que tange a prática do *agility* para discutir a mútua indução dos movimentos das partes em uma prática, onde essas deixam de ser entes separados e misturam-se criando uma nova possibilidade de se estar no mundo. Logo assim, como no caso de Haraway e Cayenne, bem como na prática venatória discutida, *isopraxis* viria a ser:

Ambos induzem e são induzidos, afetam e são afetados. Ambos incorporam a mente do outro. (...) A sintonia não-mimética de cada um ressoa com os *scores* moleculares da mente e carne fazendo com que alguém saia de ambos que não estava lá antes (HARAWAY, 2008, p.229, tradução do autor).<sup>15</sup>

O que gostaria de pontuar ao trazer o respectivo conceito para a discussão, seria o caráter comunicativo que emerge da interação dos movimentos coordenados dos corpos das cadelas e dos caçadores. Para haver a venação à perdiz, é necessário que exista tal sintonia não-mimética entre os corpos que estão envolvidos no ato de caçar. Os movimentos que esses desempenham são co-moldados um pelo outro, esses *parceiros de campo* ao caçar são também mais que um e menos que dois, como fala Haraway acerca de seu caso com Cayenne na prática do *agility*.

Para Bateson (1972, p. 574), “em todos os mamíferos, os órgãos dos sentidos também transformam-se em órgãos de transmissão de mensagens sobre relações”. Pensando as questões que se apresentam neste trabalho, podemos pensar que as faculdades olfativas das cachorras Asta, Chispa e Brina desempenham um canal de comunicação com as perdizes, mas que não é por meio dessa aptidão que elas comunicam a presença das presas aos caçadores. Essa comunicação, como já in-

roduzida acima, seriam da esfera cinésica, e seu conteúdo comunicativo estaria na:

A magnitude do gesto, o volume da voz, a duração da pausa, a tensão do músculo e assim por diante - essas magnitudes correspondem comumente (direta ou inversamente) a magnitudes da relação que é o sujeito do discurso. (BATESON, 1972, p.576, tradução do autor).<sup>16</sup>

Vale lembrar que nessa passagem Bateson está discutindo não só a linguagem cinésica, mas também questões referentes à paralinguística. Ater-me-ei apenas às questões cinésicas que dizem respeito à comunicação estabelecida entre as cachorras e os caçadores. Voltemos ao *lacet*. Como já dito, é por meio desse gesto que as cachorras Asta, Chispa e Brina vinham a rastrear as aves (perdizes). Ao detectarem um faro, o *índice* da perdiz, essas *amarravam*, ou seja, paravam bruscamente o movimento do *lacet*, e ficavam com os músculos do corpo tensionados apontando para a direção onde se encontrava o *índice* da perdiz. A *amarrada* é o signo que estabelece a relação de *índice* com o objeto, ou seja, o corpo da cachorra é o signo que elas apresentavam para os caçadores. Essa ação é o que vinha estabelecer a comunicação da presença da perdiz nas proximidades. Essa linguagem cinésica, que tem como meio comunicativo o corpo das cachorras, seria o dialeto *perdigueiro* de comunicação estabelecido entre cadelas e caçador para a caçada acontecer.

Num primeiro momento, pensei que a comunicação estabelecida entre a cadela e o caçador para sinalizar a perdiz estaria relegada apenas ao gesto em si de *amarrar*, ou seja, o tensionar dos músculos das cadelas. Porém, ao pensar melhor a questão, a partir de minha observação e prática em campo, bem como a partir dos vídeos que vim a produzir, pude concluir que o caráter comunicativo da *amarrada* seria uma quebra de ritmo no *lacet*, e que seria por essa quebra rítmica, e logo pela combinação desses dois gestos, que emergiria o signo comunicativo que informaria ao caçador a existência da perdiz. Essa quebra rítmica feita no *lacet* pela *amarrada* não deixa de ser uma esfera da linguagem cinésica. Partindo desse pensamento, pude compreender melhor uma questão que acontecia com recorrência nas caçadas, e que é apresentada em ambas as passagens do meu diário de campo, utilizadas acima.

Após a primeira quebra de ritmo no *lacet*, por meio da *amarrada*, onde tanto Celso, como Davi se aproximavam das cadelas, estas continuavam a fazer *la-*

*cets* muito curtos, intercalados por breves *amarradas*. Essas sucessivas quebras de ritmo sempre aconteciam em decorrência da aproximação das cadelas, e logo, assim, dos caçadores e da perdiz. Diziam-me que essas sucessivas *amarradas* feitas por elas aconteciam em razão de que a perdiz andava muito. A partir disso, pude compreender que, em muitos casos, para não dizer em todos, as *cachorras amarravam* a perdiz pela primeira vez, quando o caçador se aproximava dela, começavam a fazer os curtos *lacets* e breves *amarradas* aproximando-se da perdiz. Essa obviamente, em movimento, já não estava no mesmo lugar no qual o *índice* de sua presença foi sentido pelas cachorras na primeira *amarrada*, que continuavam com o faro no focinho, espreitavam e progrediam em direção à perdiz por meio dessas quebras rítmicas *lacet-amarrada-lacet-amarrada*, até serem percebidas pelas perdizes, e essas alçarem voo. No vídeo abaixo, podemos pensar a quebra rítmica que aqui venho apresentar. Tentei, por meio de um enquadre diferente, a câmera acoplada na cachorra, captar o que aqui venho argumentar.



Figura 3 - Sequência de frames da prática cinégetica com câmera de ação acoplada na cadela - Antônio e Brina <sup>17</sup> Vídeo:

<https://vimeo.com/181510568> <sup>18</sup> Fonte: Acervo do autor.

Com isso, o que gostaria de salientar é que, na caçada à perdiz, o caráter comunicativo da linguagem cinestésica no que concerne ao par cachorra-caçador está dado nos ritmos que emergem da relação dos dois gestos ditos acima, o *lacet* e a *amarrada*, que culminam no *levantar* a perdiz, momento em que o caçador efetua o tiro. Porém, para haver essa comunicação que discuto acima, Asta, Chispa e Brina precisavam se engajar de forma auspiciosa com o ambiente no qual esta-

vam. Retomando a pergunta feita acima sobre a diferenciação das cadelas, o que concedia o status de melhor caçadora à Asta, e de aprendiz à Chispa, seria que:

Em um desempenho fluente há uma qualidade rítmica (LEROI-GOURHAN, 1993: 309-310). Esta qualidade, no entanto, não se encontra no caráter repetitivo do próprio movimento. Para que haja ritmo, o movimento deve ser sentido. E o sentimento reside no acoplamento de movimento e percepção que, como vimos, é a chave para a prática qualificada. Como Leroi-Gourhan claramente reconheceu, a atividade técnica é conduzida não contra um fundo estático, mas em um mundo cujos constituintes múltiplos sujeitam-se aos seus próprios ciclos particulares (INGOLD, 2015, p.107).

Levando em consideração as palavras acima, o que diferenciaria as cachorras como melhores ou piores seria esse sentir, esse acoplamento do movimento e da percepção, engajados num ambiente, onde nada é estático, e os:

Gestos rítmicos do profissional estão em sintonia com os vários ritmos do ambiente. Assim, qualquer tarefa, ela própria, um movimento, se desdobra dentro da “rede de movimentos” na qual a existência de cada ser vivo, animal ou humano, é suspensa (INGOLD, 2015, p.107).

Logo, assim, podemos compreender, flexionando as ideias acima para o contexto estudado, que Asta vinha a sentir melhor a “rede de movimentos” na qual o ato venatório era desenvolvido, e, em razão dessa melhor sintonia com os ritmos do ambiente, conseguia sentir mais faros de perdizes que as outras, além de executar o *lacet* muito próxima do caçador e de forma muito regular. Já Chispa, como dito, era *afobada* e costumava fazer o *lacet* de forma muito distante do caçador e de maneira muito ampla e irregular. Em razão disso, Chispa vinha a *estourar* muitas perdizes, mesmo estando em boas condições para a prática. Dessa forma, o que gostaria de salientar em relação às cadelas é que o status de boa *caçadora* está ligado ao ritmo, tanto na esfera comunicativa, como sensorial, e que este “não é um movimento, mas um acoplamento dinâmico de movimentos” (INGOLD, 2015), no qual o caráter ecológico dos próprios movimentos, tanto dentro como fora do corpo, devem ser harmonizados. Essa articulação harmônica dos movimentos é o que concedia a Asta o seu destaque, sendo que a maior experiência que essa tinha, sendo a cadela mais velha do grupo deve ser levada em consideração.

Dando seguimento ao trabalho, chegamos ao momento do *levantar* a perdiz, ou seja, fazer ela alçar voo; e o instante do tiro, momento de destaque do ca-

çador. *Levantar* a perdiz, como me foi explicado, e pude observar, consiste em, a partir dos movimentos de *lacet-amarrada*, Asta, Chispa e Brina serem percebidas pelas perdizes e, conseqüentemente, essas levantarem voo, e possibilitarem o tiro do caçador. É interessante lembrar que o contrário de *levantar* a perdiz seria *estourar* a perdiz, o que consiste em a cachorra ser percebida de forma não intencional pela perdiz. Ao *levantar* a ave, as cachorras *pointers*, já se botavam no encalço da perdiz, esperando a sua possível queda. Perdiz *levantada* é a hora dos caçadores efetuarem o tiro. Esse é o momento de maior tensão para os caçadores. Partindo da comunicação estabelecida entre perdiz-pointers, e do que é transmitido pelas cachorras ao caçador, este se prepara para o tiro sabendo onde projetar a possível aparição da perdiz em certa região, frente ao signo comunicado pelas cachorras.

Aqui gostaria, de forma breve, apontar para uma esfera prévia às caçadas, o treinamento ao qual as cadelas da raça pointer inglês passavam, que tinha como tônica um “redescobrimento orientado” (Ingold, 2010). Não tenho como foco abordar de maneira mais elaborada o treinamento, o qual veio a ser um dos interesses de meu trabalho, e com o que pude me familiarizar a partir de entrevistas com meus interlocutores. Gostaria apenas de pontuar que as técnicas venatórias postas em movimentos pelas cadelas em sua individualização *caçadora* não são algo instintivo. Um exemplo elucidativo seria a parte final desse treinamento, vejamos o que Antônio me fala acerca desse momento:

Chega então a hora de ir ao campo para o real objetivo de todo o treinamento. Novamente, deve-se sair com um cão veterano e calmo, que dê tempo do filhote acompanhá-lo. Digo filhote, pois este deverá estar por volta dos seis meses e, se o treinamento anterior for bem feito, caçará já na primeira saída. Quando os cães estiverem um pouco distantes, dê um ou dois tiros para o ar, para que o novato se habitue com o mesmo, sem desenvolver um certo temor de tiro que é algo muito difícil de curar. Quando o cão experiente *amarrar*, o filhote deverá estar junto e poderá *amarrar* junto. Caso isso não ocorra e ele *estoure* a perdiz, dê-lhe uma reprimenda para que não avance sem o comando. Assim que ele *amarrar* com o cão veterano e a perdiz *levantar*, atire e derrube-a. Normalmente o cão mais velho chegará antes e trará a peça. Segure então o cão velho, chame o novo e mostre-lhe a perdiz abatida, movimentando-a bastante em sua frente. A seguir, jogue-a a uma boa distância, deixando o cão ver o lançamento e mande-o buscá-la. Assim que trouxer a peça, faça-lhe um belo agrado, pois é a parte final do ensinamento. Quando o cão novo passar a disputar a busca da perdiz com o velho, é hora de parar com a saída e passar a sair apenas com ele que já

saberá o que fazer. (Antonio, entrevista semiestruturada, 23/06/2016, Caxias do Sul - RS, Brasil).



Figura 4 - Primeira saída a campo: Cão veterano, caçador e pointer-neófito. Fonte: Acervo pessoal de Antonio.



Figura 5 - Mostrando a perdiz para o pointer-neófito. Fonte: Acervo pessoal de Antonio.

Pelas vias do “redescobrimto orientado” (Ingold, 2010), o qual trago uma parte como exemplo, tem, por momento de ocorrência, os seis primeiros meses de vida do pointer. Diferentes contingências são apresentadas para o filhote previamente, como a questão do tiro, da *amarrada* e do *estourar* a perdiz. O trecho que trago para a discussão tem como intenção mostrar o gesto do *lacet* para o cachorro neófito. Ao interpelar Antonio acerca do tema, descobri que tal gesto era gerado/mostrado para o filhote na relação caçador veterano-cão veterano-aprendiz. Era partindo desse momento, acima descrito, que esse gesto era apreendido pelo neófito canino. Um processo constante de informação (*feedbacks*)<sup>19</sup> está a gerar um processo de aprendizagem, onde a busca por uma ação mais afinada no que tange às ações dos outros atores envolvidos é o que é comunicado e desenvolvido, como no exemplo entre os cães na aprendizagem do *lacet*. A cadela neófita vem a estar em contato com o gesto paradigmático no *lacet*, por meio do “redescobrimto orientado” conduzido pela cadela veterana. Toda ação desenvolvida por ela (cadela veterana) vem a ser à informação que deve ser ajustada pela cadela iniciante com a prática na qual está engajada. Sendo que o processo de “aprender a aprender” é a primeira contingência desse “redescobrimto orientado”, ao qual o cachorro novato deve engajar-se, para assim responder aos sinais postos em movimentos. É por meio do ajuste dos gestos que o cachorro experiente mostra ao cachorro neófito, bem como dos movimentos que compõem o ambiente no qual a prática venatória é exercida (ventos, vegetação, perdiz e caçador), que a resposta desejada emerge pelas vias das informações trocadas na devida aprendizagem da prática aqui comentada, o que vem a possibilitar a individualização *caçadora* de Asta, Brina e Chispa.

### **Sobre a técnica de atirar**

Primeiramente, os caçadores que acompanhei usavam espingardas de calibre 20. Davi utilizava uma espingarda *paralela*, Celso uma *under and over*, a diferença era a disposição dos canos. A primeira tinha os canos dispostos de forma paralela e horizontal, a segunda de forma vertical. Diziam-me que as diferentes armas traziam suas particularidades, e que o gosto por um tipo ou por outro tinha que

ser descoberto na prática. As espingardas possuem dois gatilhos, um para cada cano. O primeiro gatilho era usado para um tiro mais próximo, sendo o tiro mais *aberto*, isto é, a área dos *chumbinhos* que esse tiro projetava era maior, mas mais espalhado. O segundo gatilho era usado para tiros que deveriam buscar algo mais longe, a área projetada por esse tiro era menor e mais densa de *chumbinhos*. Isso acontecia em razão da abertura dos canos das armas. Os cartuchos utilizados em cada caçada podiam variar, utilizavam-se cartuchos de chumbo 7 e 8. Os chumbos aumentavam seu tamanho e massa, quanto maior a sua graduação, sendo estes escolhidos conforme a disposição do vento no ato venatório. Dias com vento forte pediam *chumbinhos* mais pesados de tipo 8, o contrário valeria para os de tipo 7.

No que pude acompanhar e compreender da técnica do tiro, alguns pontos sempre me eram frisados. Davi, com quem pude aprender mais sobre essa técnica, sempre me dizia para destravar a arma só na hora de atirar, ter uma base firme nesse momento, com um pé a frente e outro atrás, os joelhos flexionados. Na hora do disparo era importantíssimo não respirar, em razão do movimento do corpo, que traria um desajuste na mira levando ao erro. O movimento de empunhadura era chave. Ele consistia no ato de posicionar a arma para o tiro. A coronha, parte traseira da arma, deveria ser apoiada contra o ombro, e a alça de mira, bem como a massa de mira, deviam estar alinhadas ao se fazer esse gesto, sem esquecer da base firme em que a pessoa deve se encontrar. Abaixo, imagem de uma espingarda ilustrativa para mostrar as referentes partes dela.



Figura 6 - Partes de uma espingarda. Fonte: [http://1.bp.blogspot.com/\\_tBhoLp20pp0/S2b5AGFIgzI/AAAAA-AAAAA/t921\\_gAU1RE/s1600-h/CARABINA+DE+REPETIT%C3%87%C3%83O.JPG](http://1.bp.blogspot.com/_tBhoLp20pp0/S2b5AGFIgzI/AAAAA-AAAAA/t921_gAU1RE/s1600-h/CARABINA+DE+REPETIT%C3%87%C3%83O.JPG)<sup>20</sup>

Esse conjunto de gestos devia estar em consonância com o ambiente, pois o tiro na caça de perdiz é sempre um tiro em movimento em suas mais diferentes esferas, tanto levando em conta a perdiz que se põe em movimento, bem como em razão do vento que pode influenciar na direção dos *chumbinhos*. Para Sautchuk (2007) o gesto de lançar o arpão teria um valor comunicativo, e seria por meio dele que a “tríade semiótica” constituída na pesca do pirarucu se consumaria, o laguista assim, estaria sendo um interpretante em relação ao signo e ao peixe. O que pode acompanhar pode ser compreendido e aproximado dessas ideias. O caçador vem a situar-se no sistema de comunicação envolvido na caça de forma ativa ao disparar a arma. É situando os signos comunicados pelas perdizes às cadelas, e logo assim, os signos comunicados pelas cadelas aos caçadores que a prática venatória pode se consumir. Bem como na pesca do pirarucu, na caça à perdiz também teríamos uma cadeia semiótica sendo estabelecida entre os entes que a compõem. Em razão da mediação comunicativa feita pela cadela entre perdiz e caçador, esta cadeia semiótica consistiria em perdiz-signo (cheiro-*faro*)-cadela-signo (gestos)-caçador-arma, sendo também consumada pelo tiro certo e pela busca e entrega da perdiz ao caçador pela cadela.

O caçador, para executar o tiro, deve responder aos movimentos no ambiente muito rápido e é a partir desse poder de resposta aos movimentos apresentados a ele pelo ambiente, no seu engajamento perceptivo, que o tiro poderá ter sucesso ou não. Com isso podemos marcar que:

A habilidade (skill, Ingold 2000) envolvida na arpoada não emana unicamente do corpo anatômico do proeiro, mas desse corpo estendido, dado nas propriedades perceptivas e motoras do conjunto da montaria e que converge para os atos do proeiro. Como afirma Gibson “*this capacity to attach something to the body suggest that the boundary between the animal and the environment is not fixed at the surface of the skin but can shift*” (Gibson 1979:41) Tomando o gesto paradigmático dessa formação – a arpoada- veremos que ele não pode ser tido simplesmente como fruto da ação isolada do proeiro, mas que o corpo do proeiro configura as forças e posições de todo esse conjunto em seu lançamento (SAUTCHUK, 2007, p. 126).

Acredito ser algo muito semelhante o que acontece na prática de caça aqui em foco. Tanto no que diz respeito às cachorras, como aos caçadores, a técnica aqui exercida não se encerra em corpos anatômicos fechados, mas dependem, para seu êxito, desse corpo estendido. No caso das cachorras, podemos pensar

a questão do *lacet* e da *amarrada* e, logo assim, do vento que traz o faro a essas, relação necessária para a emergência dos gestos, bem como para o caçador, no *atirar*, não só a relação com Asta, Chispa ou Brina está em jogo, como também uma percepção do vento influenciador direto do tiro, como a própria relação com a perdiz e sua ação no ar, já que, como foi dito, o tiro nunca deve ser dado no lugar onde a perdiz se encontra ao voar, mas sim em um ponto futuro que deveria ser imaginado e projetado dentro das particularidades de cada situação. Vale frisar que o tiro executado pelo caçador de forma certa comunica a cadelas o abatimento da perdiz, sendo a busca desta e a entrega da mesma ao caçador o que marca a consumação da comunicação envolvida na prática venatória. Ao efetuar o tiro com êxito, o caçador confirma parte da comunicação estabelecida não só com o ambiente no qual está engajado, mas principalmente com a cadelas que age como mediadora na transmissão do *índice* da perdiz para o caçador.

Gostaria de marcar brevemente a ética na caça envolvida nesta prática. Como sempre me foi dito, o tiro só deveria ser feito quando a perdiz já estivesse voando. Atirar em uma perdiz no chão, ou de alguma forma onde a capacidade dela de fugir fosse comprometida, era tratado como *execução* pelos caçadores. Logo, assim, caçar perdiz, para meus interlocutores, envolvia a possibilidade de a ave fugir. Caçar era um desafio no qual o êxito dos caçadores vinha com o abate da ave; porém, esse abate só reunia sentido com a possibilidade da fuga da presa. Com a ausência dessa contingência, a perdiz não era caçada, mas, sim, *executada*.

Feito o tiro e, com o seu êxito, as cachorras iam buscar a perdiz abatida e a traziam-na aos caçadores, esse seria o gesto de *retrieve*, isto é, achar onde a perdiz veio a cair, pegá-la e levá-la ao caçador sem despedaçá-la. Em alguns casos, era necessário o auxílio do caçador na busca pela perdiz. Quando isto ocorria e, por acaso, os caçadores Davi ou Celso achavam a ave abatida antes das cachorras *pointers*, estes a chamavam e faziam elas pegarem a ave e trazê-la. Feito isso, as cachorras recebiam um afago e se punham a fazer o *lacet* novamente, e o caçador procedia à tiragem dos intestinos da ave no campo mesmo e guarda-na no *pinhurico*, objeto para se pendurar a perdiz abatida para o transporte, recarregava a arma, guardava o cartucho usado e prosseguia na caçada.

### Sobre as caçadoras e caçadores

No final de cada saída a campo, enquanto nos organizávamos para voltarmos, tirávamos as botas, guardávamos as espingardas, as perdizes e acomodávamos as cachorras na caixa de madeira na camionete. Os momentos vividos naquela manhã ou tarde eram lembrados. Tiros eram narrados, áreas do campo onde havia uma boa concentração de perdizes eram compartilhadas e o *trabalho* das cadelas era comentado, muitas vezes, com minúcias, relatando-se *amarrada* por *amarrada*. A empolgação dos caçadores podia ser vista nos seus corpos e em suas falas. Nesses momentos, algo muito relevante acontecia. Asta, Chispa e Brina deixavam de ser denominadas como cachorras, cadelas ou pointers, e passavam a ser designadas por *caçadoras*, principalmente, quando a caçada tinha sido satisfatória. Tal transformação ocorria pelo desempenho técnico dessas durante as caçadas. Por vias de suas ações em *campo*, da perícia de seus gestos em consonância comunicativa com os gestos dos caçadores é que tal transformação emergia.

Partindo dessas observações e falas que acompanhei em meu trabalho de campo, penso que a caça à perdiz aqui discutida, no que tange as cadelas e os caçadores poderia ser compreendida a partir do conceito de *contact zone*<sup>21</sup> elaborado por Haraway para compreender a relação com Cayenne no esporte *agility*. Essas zonas de contato como aponta a autora, “estão cheias de complexidades de diferentes tipos de poder desigual que nem sempre seguem nas direções esperadas” (HARAWAY, 2008, p.218, tradução do autor)<sup>22</sup>. Logo assim, a venação aqui discutida, dependeria dessa zona de contato estabelecida entre humanos e cadelas, bem como entre cadelas e perdizes.

Aqui vale marcar que na zona de contato estabelecida entre homens e cadelas na respectiva prática, constitui-se pela assimetria das relações entre as partes. Os humanos aqui estabelecem uma relação de uso com as cadelas, relações essas que Haraway (2010) define como a tônica das relações entre espécies companheiras. Como apontado pela autora “no idioma laboral, os animais são sujeitos de trabalho, não apenas objetos trabalhados” (Haraway, 2010, p.42). Logo assim, aos caçadores falarem do *trabalho* das cadelas na venação à perdiz, essas ganhavam parte ativa no ato cinagético, ou seja, para eles caçarem esportivamente, as cadelas precisavam *trabalhar*, seria dessa forma que esses caçadores e essas cadelas tornavam-se espécies companheiras.

Num primeiro momento, essa designação das cachorras me passou desper-

cebida. Mas, ao ver a riqueza de detalhes que eram narrados pelos caçadores acerca do trabalho, compreendendo um pouco melhor a técnica a qual vinha estudar, pude vislumbrar que, tanto caçador, como *caçadora* por vias de seu *trabalho*, durante a prática, teciam relações entre si nos papéis que ocupavam, em relação à perdiz.

O que gostaria de pensar a partir dos dados etnográficos aqui abordados, é que o processo de individuação<sup>23</sup> sendo um sistema, emerge e é constituído dessas múltiplas relações imbricadas na prática na qual ambos estão engajados que venho a apresentar. Tanto as espingardas, *campos*, perdizes, vento, caçadores e *caçadoras* estão agindo nesse processo de individuação, assim como no caso da arpoaria referido por Sautchuk, seria o caçador dotado de autonomia técnica, o qual, de certa forma, ordenaria as múltiplas relações no processo venatório para sua ocorrência. Porém, na esfera prática da caçada, o que podíamos ver é que a autonomia do caçador era constantemente negociada na relação com as *caçadoras*. Essas eram, vamos dizer, as desbravadoras do *campo*, elas é que conduziam os caçadores às perdizes mesmo esses podendo dar alguns sinais para guiarem as direções em que elas se movimentavam, para assim as levarem para *campos* mais *sujos*, por exemplo, o que guiava ambos era a busca pela perdiz, e, por excelência, quem sabia encontrar os signos dessas aves nos desertos de bovinos de pasto, eram Asta, Chispa e Brina. Essas eram quem ditavam as direções a se seguir no campo, pela relação com os índices das perdizes.

Na caça à perdiz os humanos não são manipuladores das cadelas, eles são antes um time “*cross-species*”<sup>24</sup> onde ambos são praticantes qualificados nas técnicas de determinada prática. Mesmo as cadelas estando subordinadas a uma obediência aos caçadores, essas durante a venação possuíam certa autonomia em relação a eles, derivada pela busca dos índices da perdiz no *campo*. Seria em razão dessa característica tida na zona de contato estabelecida por homens e cadelas durante a caça, que esses como caçadores reconheciam o importante *trabalho* desempenhado pelas cadelas nas caçadas. Se no caso de Haraway ela vem a escolher o termo parceiros (*partners*) para descrever a relação existente entre ela e Cayenne, aqui os termos escolhidos eram caçadores e *caçadoras*.

Dessa forma, o processo de individuação, tanto dos caçadores como das *caçadoras*, dar-se-ia por meio da técnica que aqui está em jogo. Seria, portanto, da comunicação que se estabelece entre perdiz-signo-*caçadoras*-signo-caçadores

-arma, do índice da perdiz que as *caçadoras* comunicam ao caçador por meio de seus gestos, bem como do engajamento do caçador nesse circuito comunicativo, seja como intérprete dessa linguagem cinestésica perdigueira, bem como o executor do tiro, que a individuação de ambos, caçador e *caçadora* aconteceriam.

Pensando dentro das particularidades de cada contexto etnográfico, não apenas a gênese técnico-perceptiva do caçador é constituída nesses momentos sazonais, sem querer reduzir meramente às suas subjetividades às interações vividas na caçada, bem como a das *caçadoras* também o são. Parte das interações vividas por meio das técnicas venatórias empregadas, e da socialidade, que vem a ser uma qualidade constitutiva de relacionamentos presente nas relações que as pessoas procuram manter em suas atividades (MARIA, 2016), sejam entre humanos ou não-humanos é estabelecida aqui entre as partes pela cadeia semiótica perdiz-signo-*caçadora*-signo-caçador constituem o processo de suas individuações. Essas são imanentes a essa tétrade, e o processo gerativo na qual emergem são reatualizados a cada temporada de caça. Se para os caçadores sua individuação seria atualizada com o tiro e a morte da perdiz, para as *caçadoras* o que estava em jogo era ser *perdigueira*, ou seja, achar perdizes nos *campos* onde a caça era praticada e *levantá-las* (e não matá-las). Tais processos ocorriam de forma sazonal, esses vinham a tornarem-se caçadores e *caçadoras* ao caçarem juntos nos meses da temporada da caça à perdiz. Ao término da temporada de caça, as *caçadoras* voltavam para o canil onde residiam, e os caçadores voltavam para suas vidas cotidianas, esperando o próximo inverno, onde poderiam novamente de forma intermitente fazer o que lhes eram tão importante, caçar.

Logo assim, a individuação dos homens depende da conjugação da espingarda, dos fatores relevantes dos *campos* (aqui, entenda-se a relação acerca dos ventos, da vegetação que as perdizes gostam de habitar) e de sua comunicação com as *caçadoras*, bem como a individuação dessas também partiria de uma conjugação dos ventos e de uma boa comunicação com os faros das perdizes e com seus companheiros de campo. As cadelas necessitam conjugar relações não-humanas e humanas ao seu mundo não-humano para, assim, se tornarem *caçadoras*, tal como se passa com os caçadores.

## Conclusão

O que gostaria de deixar marcado, aqui, é que, nos processos de individuação, as formações dos respectivos campos operatórios envolvem relações humanas ao mundo não humano e vice-versa. Ou seja, se para o sujeito individuar-se como caçador, ele necessita conjugar diferentes relações com esse mundo não-humano para assim se tornar caçador ao caçar, as *caçadoras*, ao caçar, vêm a fazer o mesmo ao se envolverem em relações tanto humanas como não-humanas em sua práxis. Tento trazer por via dos dados etnográficos, diferentes relações que estão envolvidas em tais sistemas de individuação, pensando assim as gêneses técnico-corporais perceptivas que resultam dessas práticas venatórias que são reatualizadas a cada temporada de caça.

## Notas

1. Gostaria de agradecer ao grupo de caçadores com quem pude compartilhar bons momentos e aprendizagens durante as caçadas. Agradeço também ao Prof. Rafael Victorino Devos pela sua orientação durante o presente trabalho, aos Professores Gabriel Coutinho Barbosa e Jeremy Deturche pelas suas observações e a todos participantes do Coletivo de Estudos em Ambientes, Percepções e Práticas (CANOA) da UFSC com os quais pude discutir de forma pertinente e enriquecedora a presente pesquisa.
2. Categoria nativa: por *campo*, deve se entender o local privilegiado para se encontrar as perdizes.
3. Como acordado com meus “nativos”, utilizo-me de codinomes para referir-me a eles, estes irão ser utilizados durante todo o trabalho para designar essas pessoas.
4. Para maiores informações sobre a questão ver: <https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/91706/codigo-de-caca-lei-5197-67>
5. Victor é amigo de longa data de Marco e Celso, esses o conheceram ainda criança quando vinham caçar na terra do pai deste, *Don Ferraz*. Estas hoje em dia tornaram-se plantações de pinus, *Don Ferraz* ainda reside em uma pequena residência onde eram seus campos antigamente, esta também se localiza na região de Corticeiras.
6. Expressão recorrente no dialeto gaúcho para referir-se ao vento sul.
7. Outros predadores da perdiz que me foram informados são as raposas e os gaviões, não obtive as especificações desses.
8. Último acesso: 17/03/2018.
9. Para uma melhor compreensão da técnica venatória, e dos gestos executados pelas cadelas, ver a localização dos gestos no vídeo, que consta na descrição do mesmo no vimeo.
10. Último acesso: 17/03/2018.

11. Idem 10.

12. *Estourar* a perdiz vinha a ser o ato de a ave alçar voo sem aviso prévio das cadelas aos caçadores, impossibilitando o tiro de ser feito.

13. *Agility* é um esporte praticado por duplas compostas de um cão e seu condutor. As regras iniciais foram baseadas no hipismo. O objetivo é terminar a prova sem cometer infrações e no menor tempo possível, tornando assim o *agility* uma prova de Habilidade, onde a velocidade é critério decisivo de desempate (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Agility>).

14. O termo “*isopraxis*” é cunhado pelo etologista francês Jean-Claude Barrey, esse vem a pesquisar movimentos não intencionais envolvidos na relação cavaleiros habilidosos e cavalos treinados (*well educated horses*). Sendo assim, Barrey diz “that homologous muscles fire and contract in both horse and human at precisely the same time. The term for this phenomenon is isopraxis. Horses and riders are attuned to each other. Talented riders behave and move like horses. . . . Human bodies have been transformed by and into a horse’s body.” (Haraway, 2008, p. 229). Haraway flexiona o termo para o uso dela e de Cayenne.

15. Both induce and are induced, affect and are affected. Both embody each other’s mind. (...)The nonmimetic attunement of each to each resonates with the molecular scores of mind and flesh and makes someone out of them both who was not there before (HARAWAY, 2008, p.229).

16. In all mammals, the organs of sense become also organs for the transmission of message about relationship (BATESON 1972, p. 574). the magnitude of gesture, the loudness of the voice, the length of the pause, the tension of the muscle, and so forth - these magnitudes commonly correspond (directly or inversely) to magnitudes in the relationship that is the subject of discourse (BATESON, 1972, p.576).

17. Último acesso 17/03/2018.

18. Idem 17.

19. Acredito existir uma grande consonância, entre esse momento das aprendizagens das cadelas (não só esse momento, mas como todo o treinamento), e as observações feitas por Catão e Coutinho Barbosa (2018) acerca da pesca da tainha com os botos em Laguna/SC: “A resposta do pescador – não lançar a tarrafa ou lançá-la no momento exato, adiantado ou atrasado – é sempre apreendida pelo boto como informação (*feedback*) para se reajustar à ação em curso, continuar ou não a interação com o pescador. Ao longo da ação, pescadores e botos deduzem e respondem aos sinais uns dos outros. A situação emergente é ainda mais complexa se considerarmos que botos e pescadores comportam-se de forma responsiva também aos movimentos de peixes, marés, fluxos hídricos, vento e outros fatores ambientais. Os movimentos ajustam-se mutuamente, configurando uma cadeia de ações circular e multilinear. Isso requer de botos, botas e pescadores uma aprendizagem complexa, “aprender a aprender”, isto é, responder de maneiras distintas aos “mesmos” sinais, conforme o contexto (CATÃO e COUTINHO BARBOSA, 2018, p.15). Podemos ver que a relação acima, entre pescador, boto e peixe, geram informações mútuas em uma respectiva cadeia de ações técnicas.

20. Vim a alterar a imagem conforme os apontamentos dos meus interlocutores para assim torná-la condizente as presentes espingarda e técnica utilizada no trabalho aqui desenvolvido.

21. In *Imperial Eyes*, Mary Pratt coined the term contact zone, which she adapted “from its use in

linguistics, where the term ‘contact language’ refers to improvised languages that develop among speakers of different native languages who need to communicate with each other consistently. . . . I aim to foreground the interactive, improvisational dimensions of colonial encounters so easily ignored or suppressed by diffusionist accounts of conquest and domination. A ‘contact’ perspective emphasizes how subjects are constituted in and by their relations to each other. . . . It treats the relations . . . in terms of co-presence, interaction, interlocking understandings and practices, often within radically asymmetrical relations of power.” (HARAWAY, 2008, p. 216).

22.Zonas de contato: “are full of the complexities of different kinds of unequal power that do not always go in expected directions” (HARAWAY, 2008, p.218).

23.A individuação do proeiro é dada na forma como seu comportamento passa a englobar as ações e os elementos do esquema técnico descrito acima. Convergem para o proeiro o piloto, os eventuais passageiros e os objetos (montaria, arpão) envolvidos nesse conjunto, fazendo corpo com ele, em diferentes graus de acoplamento. Pode-se dizer que o proeiro, enquanto um ser dotado de autonomia técnica, se forma pela organização de todos os elementos em suas ações – as dimensões da haste, a conduta do piloto ou da criança que vai ao centro etc. De modo que a pessoa do proeiro implica uma gênese técnico-perceptiva, que o institui pela interação com outros seres (SAUTCHUK, 2007, p. 123).

24.Humanos no esporte *agility* não são manipuladores (nem são guardiões); eles são membros de uma equipe *cross-species* de adultos qualificados. Com um ouvido aos tons de autoridade assimétrica, mas geralmente tomando direções surpreendente, em zonas de contato, “parceiro” é um termo muito melhor (HARAWAY, 2008, p.225). Humans in agility are not handlers (nor are they guardians); they are members of a cross-species team of skilled adults. With an ear to the tones of asymmetrical but often directionally surprising authority in contact zones, I like “partner” much better (HARAWAY, 2008, p.225, tradução do autor).

## Referências

BATESON, Gregory (1972). *Steps to an Ecology of Mind: Collected Essays in Anthropology, Psychiatry, Evolution, and Epistemology*. University Of Chicago Press.

BRASILGUN.BLOGSPOT. Blog: dedicado a armas de fogo, com foco no tiro esportivo e legislação. Pagina inicial. Disponível <<http://brasilgun.blogspot.com>>. Acesso em: 20 de fev. de 2019.

CATÃO, Brisa; BARBOSA, Gabriel Coutinho. Botos bons, peixes e pescadores: sobre a pesca conjunta em Laguna (Santa Catarina, Brasil). *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil*, n. 69, p. 205-225, abr. 2018. <<http://www.scielo.br/pdf/rieb/n69/2316-901X-rieb-69-00205.pdf>>

DABEZIES, Juan Martín. *¿De quién son los animales que no son de nadie?* Trama, Monte e Video, v. 8, n. 8, p.81-88, dez. 2017. <[https://www.researchgate.net/profile/Juan\\_Dabezies/publication/322665636\\_De\\_quien\\_son\\_los\\_animales\\_que\\_no\\_son\\_de\\_nadie/links/5a-](https://www.researchgate.net/profile/Juan_Dabezies/publication/322665636_De_quien_son_los_animales_que_no_son_de_nadie/links/5a-)

6799484585159da0d9f4a4/De-quien-son-los-animales-que-no-son-de-nadie.pdf>

GARRIDO, Roberto Sánchez. Cazadores y Ecologistas: análisis antropológico de posturas encontradas. *Revista de la Facultad de Ciencias Sociales y Jurídicas de Elche*, v. 1, n. 4, p. 196-215, 2009. Disponível em: <<https://revistasocialesyjuridicas.files.wordpress.com/2010/09/04-tm-10.pdf>>

HARAWAY, Donna. Training in the contact zone. In: *When Species Meet*. Minneapolis/London: University of Minnesota Press, 2008, p. 205-246..

HARAWAY, Donna. A partilha do sofrimento: relações instrumentais entre animais de laboratório e sua gente. *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, v. 17, n. 35, p. 27-64, jun. 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832011000100002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832011000100002)>

INGOLD, Tim. Da transmissão de representações à educação da atenção [Trad. José Fonseca]. *Educação*. Porto Alegre, v. 33, n. 1, p.6-25, jan.-abr. 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777>>

\_\_\_\_\_. *Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição*. Petrópolis: Vozes, 2015. and New York: Routledge, 2011.

MARIA, G.S. *A antropologia ecológica ingoldiana e as relações entre humanos e outros animais*. Recife: Ufpe, v. 1, n. 3, p.9 - 22. 2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/reia/article/view/229989>>

MARVIN, Garry. Challenging animals: project and process in hunting. In: PILGRIM, Sarah. PRETTY, Jules (orgs.) *Nature and Culture*. London: Earthscan, 2010. Disponível em: <[https://www.academia.edu/2638828/Challenging\\_Animals\\_Project\\_and\\_Process\\_in\\_Hunting](https://www.academia.edu/2638828/Challenging_Animals_Project_and_Process_in_Hunting)>

SAUTCHUCK, Carlos Emanuel. *O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas (Vila Sucuriju, Amapá)*. 2007. 402 f. Tese (Doutorado em Antropologia)- Universidade de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/1166>>

SORDI, Caetano. Projeto e processo em dois contextos cinegéticos: a caça menor na Andaluzia e a “guerra ao javali” no Rio Grande do Sul, aproximações etnográficas. In: *Reunião Brasileira de Antropologia*, 29., 2014, Natal/RN. Reunião. Disponível em: <[http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400698256\\_ARQUIVO\\_trabalhocompleto29RBA.pdf](http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1400698256_ARQUIVO_trabalhocompleto29RBA.pdf)>

UEXKÜLL, Jakob von. "Digressões pelos mundos-próprios do homem e dos animais". In: \_\_\_\_\_. *Dos Animais e dos Homens*. Lisboa: Edição Livros do Brasil, 1934.

VELHO, Otávio. De Bateson a Ingold: Passos na Constituição de um Paradigma Ecológico. *Mana* (Rio de Janeiro), Museu Nacional-Rio de Janeiro, v. 7, n.2, p. 133-140, 2001. <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-93132001000200005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132001000200005)>

## **Perdigueiras Hunts - an ethnographic study about the technique and communication between men and dogs**

### **Abstract**

This article concern an ethnographic research conducted in the years of 2015 and 2016. I could go along with this hunters from gaúcha's mountain range. who annually, during the hunting season, move towards the Uruguayan fields to find the desired prey , the partridges. Aim to reflect on the techniques involved in this practice, regarding humans and non-humans (dogs, partridges, shotguns, etc.), from an ecological perspective of communication and action, considering the skills and operative fields that are mobilized by the different entities that compose the hunts.

**Keywords:** Anthropology of technique; Modern Hunting; Humans and non-humans.

## **Cacerías perdigueras – un estudio etnográfico sobre la técnica y la comunicación entre hombres y perras**

### **Resumen**

El artículo se refiere a una investigación etnográfica hecha en los años 2015 y 2016. Acompañé a cazadores de la sierra gaúcha que anualmente, durante la temporada de caza, se desplazan hacia los campos uruguayos para encontrar la presa deseada, las perdices. Intento reflexionar sobre las técnicas involucradas en esta práctica, en lo que se refiere a los humanos y los no humanos (perros, perdices, rifles, etc.), desde una perspectiva ecológica de la comunicación y acción, considerando las habilidades y campos operativos que son movilizados por los diferentes entes que componen las cacerías.

**Palabras clave:** Antropología de la técnica; Caza moderna; Humanos y no humanos.

Recebido em 05 de junho de 2018

Aceito em 20 de fevereiro de 2019